

CHELMSFORD.

CHELMSFORD é uma das cidades mais consideraveis do Essex, por estar situada quasi no meio deste condado e na estrada direita, que seguem os caminhantes, de Londres para Colchester e Harwich e para muitas partes dos condados de Suffolk e Norfolk. Em tempo de Guilherme o conquistador possuia-a o bispo de Londres, mas era de pouca importancia, porque nem tinha a ponte sobre o Can, nem por ahi passava a estrada real, que mencionámos, nem havia o mercado, a que affluem hoje os productos agricolas da provincia. Os arredores são apraziveis, e o torrão fertil. De obras notaveis só merecem menção o aqueducto, a casa dos tribunaes e o templo parochial. O primeiro traz á cidade aguas copiosas e saudaveis: haverá setenta annos, pouco mais ou menos, que Mr. Mildmay deixou em legado duzentas libras esterlinas para que os juros desse capital fossem applicados ao reparo do encanamento; e em 1814 o reconstruiram os habitantes á sua custa; portadas as ruas principaes se distribuem os canos conductores da agua, o que muito concorre para a limpeza e salubridade da povoação. — O edificio destinado aos tribunaes offerece todas as commodidades e é sumptuoso; foi erecto em 1792, e deu-se a rara circumstancia de que o architecto gastou muito menos do que se calculára no orçamento da obra, por cujo motivo o povo da cidade, em testemunho de satisfação, lhe votou uma taça de prata, de bastante valor: é quadrado, e o frontispicio guarnecido de columnatas da ordem jonica; n'um terreiro descoberto como pateo se faz o mercado, em que entra a venda de trigos. — A igreja é bella fabrica e de antiga data, pois que ainda permanece uma porção que consta ser construida em 1414, seguindo-se as reedificações do restante em diversas

NOVEMBRO 2 — 1844.

epochas posteriores: o objecto mais precioso que nella se admirava era, segundo memorias de tempo remoto, a grande vidraça da banda do nascente, com as pinturas da vida do Salvador do mundo desde o seu Natal até a gloriosa Ascenção; esta riquissima obra foi destruida pelo iconoclasta fanatismo dos protestantes, que no calor do progresso da chamada *reforma* arrazaram com indizivel furia e odio ao catholicismo, não menos barbaros que a *inquisição*, todas as representações de objectos religiosos, quer em vulto quer em pintura, a que pôde deitar mão o seu furor intolerante. Em 1641 tinha promulgado o parlamento puritano um decreto para que todas as pinturas [que denominava *escandalosas*] fossem removidas das igrejas; em consequencia desta ordem os que presidião á parochia fizeram apêar a magnifica vidraça, mas a gentilha não se contentou com isso, foram onde estava guardada, e com paus e pedras a fizeram estilhaçar. Parte do corpo da igreja é moderna e levantada para substituir as paredes e abobada, que abateram em janeiro de 1800: ergue-se na extremidade occidental uma torre quadrada com ameias, e claraboia coroada de sua grimpia; a torre contem um carrilhão de dez sinos. — A população de Chelmsford pouco excede o numero de 5:400 pessoas.

POUCA LUZ EM MUITAS TREVAS.

1579 — 1580.

(Continuado de pag. 299.)

Os EXTRACTOS immediatos aos que anteriormente publicámos são de uma carta, datada de Almeirim a 2.ª SÉRIE — VOL. III.

22 de março de 1580 e escripta pelo licenciado Medellin, que desta carta e d'outra sua se vê ter sido um dos mais activos agentes da usurpação castelhana. É um dos documentos importantes pelas materias de que trata, e notas que o acompanham. O seu conteúdo é o seguinte:

«Recebeu as cartas que se lhe escreveram.»

«Representa haver feito lá todos os bons officios que pôde, e que aos ministros de S. M. parece que elles tem aproveitado.»

«Que Miguel Telles, alcaide de Marvão, ainda não partiu, e que o acha duro de condição, ainda que o escutou placidamente, e que espera reduzi-lo, posto que lhe affirmasse que a qualquer outro não sofreria o que lhe elle disse.»

«Que a Manuel Alvarez, homem nobre e rico, que é feitor do irmão do alcaide, e todo delles, e que vive naquella praça, levou elle Medellin a causa de Rodrigo Vasquez; que este se offereceu para servir devéras a S. M. tratando em Marvão com todas as cautelas com Miguel Telles para o pôr em bom caminho.»

«Que as cartas que S. M. mandou escrever aos Tres-Estados foram bem recebidas, e fizeram muito efeito, juntamente com o discurso que Rodrigo Vasquez lhes fez.»

«Diz que houve descuido em não fallar aos procuradores antes, e principalmente quando elrei morreu: que isto fôra de grande importancia como o advertiram Antonio Carrilho, procurador por Marvão, e outros. Que elle o lembrou e assim se resolveu, mas que até agora se não fez.»

«Tambem diz que foi de parecer que os procuradores estivessem em Almeirim, para que todos os dias se podesse tratar com elles, e não ficassem entregues a D. Antonio; que os ditos procuradores se mostram sentidos do pouco caso que se fazia delles.»

«Que os que tinhamos por nossa parte se ausentaram ha dias logo que se lhes declarou que as côrtes estavam acabadas com a morte d'elrei; e não havendo quem os entretivesse se foram os mais delles, ficando os parciaes de D. Antonio e do duque de Bragança, que por certo buscavam meios de os reter.»

«Demonstra como este inconveniente se deu na realidade, porque já se experimentou com os outros dois Braços que tem estado em Almeirim, os quaes se mostram mais partidarios de S. M. por os seus ministros os haverem tratado, e os procuradores por não os haverem conversado se tem portado mal causando alvorotos.»

«Que os procuradores que estavam de bom animo lhe diziam que não ousavam fallar, porque em fallando iam á noite a suas casas queixar-se [os outros?] que não os deixavam em liberdade.»

À margem dos §§ antecedentes acham-se tres notas, duas pela letra de Philippe 2.º, e uma pela de D. João da Silva.

1.ª de Philippe 2.º: — «Veja o conde tambem esta, que ha ahi cousas de consideração.»

2.ª de D. João da Silva: — «Esta é mui boa carta. O bispo de Portalegre que torne logo depois de Paschoa em todo o caso, e seja um dos que fiquem, se fôr possivel. Aquelle Melchior do Amaral de que falla é homem de muito juizo e honra; e entendo que entre a gente de letras e nos tribunaes tem S. M. grande parcialidade. Depois vi e sube com gosto que o bairro de Portalegre não se movia. (*)»

(*) Esta nota intercalada entre as duas de Philippe 2.º allude aos §§ subsequentes.

3.ª de Philipe 2.º: — «Diz mui bem o conde, e assim escrevi em conformidade disso, e notai se ha alguns pontos de importancia a que convenha responder em particular, e um delles é este.»

Segue o extracto:

«Diz que fallando-se individualmente aos portugueses entendem a rasão, e quanto lhes importa serem de S. M. Dilata-se em representar isto.»

«Que não sabem dar outra resposta senão que se julgue a causa.»

«Que Rodrigo Vasquez tem desempenhado bem a sua obrigação no particular e nas juntas.»

«Que o bispo de Portalegre quer ir na semana santa á sua igreja, que está dali 18 leguas: que lhe disse não fosse, e que lhe respondeu voltaria; e que elle tambem vai para Valencia, que fica a 4 leguas de Portalegre; que se lhe pôde escrever para lá se S. M. fôr servido que faça tornar o bispo depois da Paschoa para onde estiver a corte. Assegura a boa vontade do bispo, e estar ligado com elle. Que o licenciado Rodrigo Vasquez foi de parecer que se fosse por em quanto, e que elle partia para Lisboa.»

«Que não deixa de aperceber-se aquella gente enviando armas aos povos.»

«Adverte de parecer commun que qualquer dilação que S. M. faça será muito damnosa, e que o ter já antes entrado fôra de grande importancia.»

À margem, e acompanhando todos estes §§ lê-se a seguinte nota de Philippe 2.º:

«E assim dai noticia ao conde para que o resolva na junta; e que convirá escrever aos fronteiros de lá, que negociem com os logares vizinhos que teem voto em côrtes, e procurem tê-los de sua parte, a elles e aos procuradores. Se o bispo se foi convem que torne logo, e o Medellin tambem, e assim se lhes escreva, e que nos avise sempre do que houver, e que eu me approximarei de lá com brevidade e forças [?].»

Continuam os extractos.

«A este proposito diz que Melchior do Amaral, membro do conselho d'estado naquelle reino, que veio agora resgatado, e que é um dos de maior qualidade, lhe disse que não sabia porque S. M. não entrava no reino:»

«Que o dito Melchior do Amaral é de parecer que Portugal ganha muito nisso, e que se porventura S. M. não remedeia a pobreza delle, não sabe quem ha-de remediala.»

«Que diz tambem que o reino deve tres milhões, e que faltam 300:000 cruzados para chegar a receita á despesa, o que elle sabe pelos livros da fazenda real.»

Aqui pôz Philippe 2.º esta nota:

«Máu é isso, visto como estamos por cá.»

Prosegue o extracto:

«Que as côrtes se reduzem a menor numero: os procuradores do povo a 30, os prelados a 3, e os fidalgos a 9.»

«Que o bispo de Portalegre lhe disse que seria um delles, e que os mais da corte se governam por elle.»

Extracto da carta que vem inclusa:

«Que o bispo lhe disse depois de estar escripta a carta antecedente que não escrevia a v. m.^{ce} por não saber da partida do correio; que o faria no outro, e que breve esperava ver-se com v. m.^{ce}»

«Que ainda não era certa a sua ida a Portalegre, porque os governadores o não deixavam, e que o tinham emprazado para no dia seguinte se ver com elles ás duas horas.»

« Que na segunda-feira da junta que se fez de todos os tres braços em Almeirim, quando D. Christovam de Moura entrou para dar a carta de S. M. houve algum alvoroto, e o bispo de Portalegre se travou com Phebo Moniz, procurador por Lisboa, dizendo-lhe muitas palavras asperas, de modo que que o Phebo se poz de joelhos diante delle, e chegaram muitos procuradores ao bispo dizendo-lhe se queria alguma causa, e que o mesmo lhe foram depois dizer a sua casa. »

« Que lhe disse que désse parte disto, e que lhe parecia que se ajuntariam, como de novo, a cōrtes os que faltavam de todos os tres braços. Que em todos tres se propôz que se désse dinheiro para a desesa do reino, e que no dos bispos e nobreza se votou que tal se não fizesse, e que no do povo ha agora diferenças sobre isto. »

« Que tambem lhe disse que avisasse para que S. M. désse ordem a escrever-se de cá para se diligenciar que *Martim Gonçalves da Camara* não assistisse com os governadores, visto não ter cargo que exercer; porque era prejudicial. »

« Que tudo isto advertiu a Rodrigo Vasquez. »

Segue-se a copia de uma carta dirigida a Philippe 2.^o e datada d'Almeirim a 25 de março de 1580, a qual, pela resposta d'elrei, que se acha algumas folhas mais adiante, no seu original, se vê ser do duque de Ossuna. Transcreve-la-hemos com a dita resposta.

« Sacra Catholica Real Magestade — Ainda que os tres despachos de V. M. com que de presente me acho de 13, 14, e 20 do corrente são em resposta de outros meus, contem alguns particulares a que responderei no primeiro correio que for apoz este, o qual leva só a relação que V. M. ordenou se lhe enviasse, do que nos pareceu se devia responder aos mensageiros que lá estão, se bem que é necessário pô-lo em melhor forma, porque a ocupação das diligencias feitas esta semana não deram logar a emendar-se cá, e parecendo-me que esse inconveniente é pequeno ao mesmo passo que seria mui grande o não chegar a tempo, tenho por melhor que vá como fica dito, para que V. M. despache brevemente os mensageiros, os quaes bom será despedir na incerteza de tudo o que lhes foi incumbido, para acabarem de crer que não pôde haver neste negocio meio termo entre o caminho das graças [que V. M. lhes tem aberto] e o da força, que de necessidade se deve seguir faltando estoutro. »

« As cartas de V. M. para os Governadores e para os Braços deste reino se entregaram com os memoriaes das graças e mercês que se lhes farão se jurarem a V. M. Tudo foi bem recebido, e do mesmo modo as dirigidas aos pretendentes. Espero em Deus que havemos de tirar bom resultado, ainda que não bastam as demonstrações presentes para o ter por certo; nem posso dar a V. M. conta miuda de tudo o que acerca disto se passou pela razão que já disse. »

« Grande contentamento mostram os bem intencionados da vinda da rainha N. S. a essa sancta casa, porque disso deduzem que V. M. melhor se poderá deter onde for preciso, do que se V. M. houvera ficado em Madrid. Guarde N. S. &c. »

Philippe 2.^o respondeu:

« Dnque primo: A rainha e eu chegámos aqui vespera de N. Sr.^a bons, graças a Deus. E porque desejava cartas vossas mais recentes que as de 12 do passado, folguei muito com as de 25 por saber o que teria resultado dos despachos que lá estavam,

e saber o vosso voto e dos outros meus ministros pelo que toca ao acolhimento que se devia fazer aos mensageiros que d'ahi vêm, e a resposta que se lhes poderia dar; e chegou a bom tempo, porque se achavam já a quatro leguas d'aqui. Resolvi tratá-los do modo que vereis pelo memorial que vai incluso, parecendo-me que devia tomar aquelle caminho para que não nos fique por experimentar nenhuma das cousas que podem servir para chamar á razão os desse reino, e obrigá-los a que por sua parte façam o que devem, tirando-lhes todo o genero de achaque ou escusa, como parece teriam se não se lhes désse nisto satisfação. E quando a sua dureza fosse tanta que nada bastasse, servirá ao menos para inteira justificação do damno que lhes vier da guerra; cujos meios se vão apromtando sem perda de tempo, antes se aproveita por tal modo, que [se for mister] em poucos dias se poderá pôr na fronteira o numero de gente que vereis da relação que vos ha-de mostrar D. Christovam de Moura. Tenho tenção de ir mui breve para Merida ou Badajoz, motivo porque já mandei arranjar aposentos naquellas duas cidades. Praza a Deus que as diligencias que lá se fizeram com os Braços, Governadores, e cidades do primeiro banco, tenham aproveitado tanto que de lá possa passar logo a esse reino, facil e pacificamente, o que muito desejaria assim acontecesse pelo que a elles proprios lhes convem. Do sucesso, e da resolução que tomarem espero já desejoso a noticia. »

« Tendo visto a carta do marquez de Villa Real, e a satisfação que mostraes ter delle e dos de sua casa, lhe mandei escrever a que vai com esta para que lha deis ou envieis, assegurando-lhes que os hei-de honrar e favorecer a todos, e nesta substancia podereis dar o recado que vos parecer a D. Jorge de Noronha seu primo; porque, ainda que recebi a sua carta, pareceu que não era preciso responder-lhe eu, mas que fizesseis vós este officio, por ter elle o genio que descreveis, e cá se ficou entendendo. »

« O mesmo, ou o que vos parecer fareis com o bispo capellão-mór (*) pelo que diz no bilhete que vos escreveu; que justo é agradecer-lhe a sua boa inclinação. »

« Conformando-me com o que advertis, tenho por mui necessário que com grande brevidade se ordene uma boa, breve, e substancial relação de como me pertence justamente a successão, e assi mandei que se posesse no memorial; e a vós encarrego muito que tenhaes particular cuidado em que se faça e se me envie sem perda de tempo. De mais proveito fôra ter sahido antes, porem mais vale tarde que nunca. »

« Se [o que Deus nunca permitta] se houver de usar de força, tambem então se publicará outro escripto que justifique a guerra; e já cá mandei que se vá considerando o que deve conter, e bom será que lá se faça o mesmo para aproveitar o tempo, conferindo-se depois um com outro para se tomar a resolução que parecer mais a propósito. »

Esta resposta é datada de Guadalupe no 1.^o de abril, assignada por Philippe 2.^o, e referendada pelo secretario Cayas. Vem apoz ella por copia uma outra carta datada de Almeirim a 6 de abril, que pelo ironico e violento attribuiríamos de boa vontade a D. Christovam de Moura, cuja ancia pelo domínio estrangeiro exceden a de todos os homens cor-

(*) D. Jorge de Attaide, bispo de Vizeu, que tinha sido capellão-mór do cardeal rei.

ruptissimos daquelle triste epocha. O que parece evidente é não ser do duque de Ossuna, porque nella se allude á carta que na mesma occasião escrevia o embaixador.

«S. C. R. M. Ainda que os embaixadores deste reino parecem pessoas humildes (:) , devem estar tão longe de sê-lo, como todos os mais portuguezes! Digo isto pela diligencia que mostraram em avisar os governadores do tratamento que julgaram V. M. lhes havia de dar, parecendo-lhes falta de cortezia não lhes tirar o barrete como é costume. Toma-se tão mal cá tudo o que é de Castella que apenas chegou o aviso de tamanha sem-rasão, ajuntaram-se em conselho para responderem, e depois de Martim Gonçalvez ter esbravejado, e de se haver aproveitado da occasião para encarecer quanto lhes importa dilatar o negocio, e outras cousas a seu proposito (§) resolveram escrever aos embaixadores que não se apresentassem a V. M. segunda vez — se da primeira os não tratasse conforme o estylo. Pareceu-nos conveniente, a troco de um correio, advertir disto a V. M.; e ainda que eu tenho por bom que V. M. executasse o que d'antes estava assentado, pois a embaixada era tal, que não importava nada ouvi-la, ou que elles voltassem sem a dar, visto V. M. ter feito o mais, segundo me escreve que lá resolveram, e esses homens lhe beijaram a mão, parece-me que havendo passado por tanta cousa, não se deveria tropeçar em dois dedos mais ou menos de barrete, muito mais havendo de dar isso occasião ao qué de cá lhes escrevem, posto que esses offereçam em tudo motivos para tratá-los de outra maneira. Bastante custará já a V. M. o que tarda em começar a faze-lo assim, e a encantar o sio da brandura de que esta gente se aproveita para o mal; e assim tem por chança quanto se lhes diz fóra disto, parecendo-lhes impossível que chegue o tempo do rigor de véras, que cada dia merecem por novas culpas e desconcertos, parecendo-lhes que tudo está nas mãos delles; e até que vejam signaes para sahir deste engano sempre ficarão nelle se nosso Senhor não faz algum milagre, de que bem precisa a obstinação deste paiz. E porque o embaixador deve escrever mais extensamente, e ámanhaã parte outro correio, não tenho mais que dizer senão que nosso Senhor guarde &c.»

Entre esta carta, digna de um intrigante feroz, e as antecedentes estão os extractos de duas cartas de um agente portuguez que de novo vem entrar em scena. Este, que escreve ambas ellas de Almeirim no mesmo dia 24 de março, é D. Jorge de Noronha, neto de 2.º marquez de Villa-Real e primo do 1.º duque deste titulo. O caracter de vileza que reina na linguagem destes dois documentos, é verdadeiramente curioso.

Eis-aqui o primeiro:

«Recebeu a que S. M. lhe mandou escrever a 17 do corrente, da Aceca:»

«Aprova a vinda da rainha n. s. com S. M. pelo especial prazer e honra que com isso se faz áquelles reinos:»

(:) Este procedimento de Martim Gonçalvez da Camara, combinado com o que delle se diz na antepenúltima carta, e o que o proprio Philippe 2.º testifica ácerca dos jesuitas na nota da carta, já publicada, relativa á rainha D. Catharina, parece-nos offerecer um notavel desconto ás accusações feitas contra aquella celebre ordem na Deducção chronologica, obra de odio profundo e por isso má guia para a historia.

(§) Eram estes embaixadores o bispo de Coimbra D. Gaspar e Manuel de Mello.

«Louva tambem a vinda de S. M. pelo amor e tenções christãas com que procede em tudo:»

«Mostra grande sentimento das cartas que dizem escreveu Manuel de Mello para aquelle reino:»

«Que o bispo de Portalegre diz que o arcebispo d'Evora, tio de Manuel de Mello, lhe contou que seu sobrinho lhe escrevera que não havia a gente nem os apercebimentos de guerra que lá soavam, que acham o duque d'Alva só, e que estivesse seguro de que se houvesse união no reino não havia cá poderio bastante contra elle.»

«Julga que não se deve fazer caso do que diz Manuel de Mello, porque está cego, que o reino de Portugal é de S. M. e que pôde ir quando quizer, porque até as creanças cantam que todo o seu remedio está em S. M.»

«Que, a fóra isso, não ha lá forças para se defenderem só do duque d'Alva, ainda que viesse mais só do que affirma Manuel de Mello; nem se falla em defesa, nem ha nenbuns fronteiros; e que elle logo que alli chegou dissera que largava o direito que tinha á frontaria que estava a seu cargo, para mais claramente mostrar sua intenção.»

«Que muitas outras cousas que passou as deixa por serem largas, remettendo-se ao duque de Ossuna e mais embaixadores a quem as contou.»

«Que se deram as cartas e recados de S. M. aos governadores e Braços, e que se fizeram mui boas diligencias com todos, cujo proveito vai apparecendo, porque já os mais delles estão rendidos, convertidos, e feitos christãos, e que se baptizaram na agua das listas de mercês que S. M. fez a todos, as quaes são mal merecidas, porque ainda não estão os caminhos de Portugal e Guadalupe cobertos de portuguezes. Pede licença para ser elle o primeiro que o faça, pois talvez muitos o sigam, sendo tão natural nos portuguezes a inveja.»

«Que o marquez não escreve por se não achar ali; mas que virá passada a paschoa, o que será conveniente para a boa conclusão dos negocios.»

A linguagem deste reptil parece ter suscitado, talvez pelo excesso da baixeza, as desconfianças do suspeitoso Philippe, porque ao lado do extracto pôz a seguinte nota, que o indica:

«Fica-me cá a carta, porque creio que será mister envia-la ao duque ou a D. Christovam pela razão que vos disse, e pelo que ha a respeito de quem a escreve.»

O 2.º extracto contém o seguinte:

«Representa quanto elle e toda a casa do marquez de Villa-Real tem desejado e procurado, desde a morte d'elrei D. Sebastião, que se entregassem aquelles reinos a S. M., a quem de justiça e rasão e por pura necessidade entenderam desde logo pertenciam, e quanto isso era conveniente, o que esperam se fará com brevidade.»

«Encarece o que tem trabalhado, e quasi brigado, para reduzirem a gente daquelle reino, que estava mui tenaz, e que procederam com este asferro por verem o zélo christianissimo de S. M.»

«Pede que se lembre isto a S. M. e o animo e desejo com que fica o marquez e toda a sua familia, e quanto hão-de ser sempre addictos ao seu real serviço:»

Este preambulo é destinado a captar a benevolencia do secretario d'estado castelhano, a fim de se obter por sua intervenção um bom casamento em Castella para uma filha do marquez de Villa-Real. Omitiremos esses §§, que só accidentalmente e em cousas de pouca valia respeitam aos negocios publicos. Procede depois ácerca destes:

«Envia tambem um papel e uma carta dos procuradores dos povos, em que se vê que desejam e querem paz, e que já percebem a mercê que lhes faz nosso Senhor em lhes dar por seu rei a S. M.»

«Que mostrou estes papeis a D. João Mascarenhas, com quem communica tudo o que se offerece, por ser um dos governadores e dos homens que mais desejam o serviço de S. M.»

«Que D. João o mostrou aos outros governadores, e lhe affirmou que importaria muito que elles o vissem, e que diligenciasse obter lista dos nomes dos mais que podesse achar do mesmo parecer em Santarem. Que esperava fazer alistar a maior parte delles.»

«Que muitos dos procuradores de bom e muito bom animo no negocio se foram; porque os melhores, já enfadados de não estarem todos d'acordo, e de verem os de Lisboa, que era a cabeça, mal inclinados, começaram a partir.»

«Que Manuel de Sousa Pacheco, um dos procuradores de Lisboa, já não é companheiro de Phebo-Moniz, porque se fez christão, e deu palavra ao bispo e ao arcebispo d'Evora de sê-lo sempre, e que todos se vão baptizando.»

«No papel que envia com a carta [a qual é datada de Santarem a 15 de março, e escripta por um dos procuradores que se chama Rodrigo d'Abreu] o nome que está riscado é o delle D. Jorge, e diz que assim se deu a ler aos governadores.»

«Nelle representam aos ditos governadores o desejo que tem a maior parte dos procuradores da paz e quietação em conformidade do que o governo deseja, tudo pelo bem da christandade.»

«Ahi dizem que é um engano pensar que para traçarem dos concertos convem que sejam menos, quando todos querem paz e concordia, porque já cahiram na rasão e vêm que é necessário.»

«O meio que apontam para isto se poder alcançar é chama-los dois a dois, pois chamando-os juntos dizem que não, por não haver quem queira começar em publico.»

«D. Jorge diz que testifica isto porque fallou com os mais delles. Recommend a segredo e a brevidade da execução. Que depois de se conseguir o resultado dirá quem fez a proposta para ser agraciado. Adverte que *até das terras escrevem cartas avulsas* em que lhes significam o mesmo, mas que não ousam fallar tanto pelas agitações que andam, como pelo que diz o vulgo. Pede que se lhe restitua este papel porque é de letra conhecida.»

Neste interessante documento pôz Philippe 2.º uma pequena nota: — «Veja esta o conde de Portalegre, e a resposta que será conveniente lhe deis.» D. João da Silva escreveu por baixo; «São mui bons estes de Villa-Real. Responda-se a D. Jorge com muita approvação do que vai fazendo, pedindo-lhe continue, e restituam-se estes papeis como é de rason.» — O resto da nota do conde de Portalegre é relativo ao casamento do marquez, por isso o omitimos aqui.

(Continuar-se-ha).

A. Herculano.

NOTICIA DOS OBELISCOS DE ROMA.

N'um dos numeros antigos deste jornal se deu alguma noticia do famoso obelisco de Sisto ou Xisto 5.º por ser o maior e mais colossal de todos: agora daremos a resenha completa de todos elles, por ser uma curiosidade historica; e porque estes gigan-

tes, emblemas das vaidades de duas grandes nações que desapareceram da face da terra, consagrados hoje a objectos do culto catholico, e a monumentos das artes, parecem destinados a dar ao universo tastemunho das duas sublimes funcções do christianismo, o aperfeiçoamento moral, e o melhoramento civil ou social.

Roma tornou-se a patria adoptiva dos obeliscos egípcios. Não são menos de doze os que ahi foram erigidos pelos imperadores em diversas epochas. Desde o tempo d'Augusto se começo a transportar dos areaes do Nilo estas enormes massas para servirem de decoração á capital do mundo, até os tempos de Constantino. No decurso das longas calamidades que vieram assaltar a cidade eterna, estes obeliscos foram desfigurados, alguns feitos em pedaços, e todos quantos existem traziam ainda em si insculpidas as marcas do fogo e das devastações dos barbaros. Xisto 5.º e Pio 6.º se distinguiram por seus esforços felizes em descobrir e restaurar estes bellos restos das artes antigas.

O obelisco Lateranense, chamado assim da sua collocação em frente da basilica de S. João de Latrão, foi levantado de ordem de Xisto 5.º: é este o mais alto dos obeliscos de Roma. Foi erigido em 1588; infelizmente porem o pedestal que lhe pozeram saiu fóra da boa proporção por sua demasiada altura; e alem disso sobrecregaram-o d'ornatos de mau gosto, que desfiguram e empecem o efeito da bellissima agulha cimeira sobre a qual se assenta uma cruz altissima. Comtudo é este o maior obelisco que se conhece: tem elle 10 pés e 6 pollegadas de base, 7 pés e 4 pollegadas no cimo, sua altura é 114 pés e 7 pollegadas; mas com sua enorme base e immenso remate completa 160 pés. Calculando-se a totalidade de toda esta massa resulta o pezo de 405 toneladas. A face occidental deste monólito está um pouco arredondada, e não se sabe a razão; talvez por desfazer algumas deturações que o tempo ou a natural figura da pedra apresentasse. É de granito de Syéne, d'uma cõr de rosa descorada e salpicada d'alvadio: está coberto de hyeroglificos d'uma perfeição admiravel em gravura, enchendo todas as quatro faces do monumento. Foi o imperador Constantino Magno que, excitado por seus cortesãos a rastrear os exemplos d'Augusto, mandou transportar desde Heliopolis esta massa enorme, tomada nas aguas do Nilo em um navio immenso construido de proposito, e rebocada por 300 remeiros. Chegado felizmente ao porto de Ostia, na embocadura do Tibre, foi dahi levado a Roma sobre rolos de madeira, e depositado no círculo maximo.

Ammiano Marcellino nos deixou a relação circumstanciada da erecção deste obelisco, que não é destituída d'interesse pelo lado da mechanica. — Tudo quanto restava fazer [diz o escriptor] era o pôr de pé o enorme monólito, e era precisamente esta dificuldade que ocupava todas as agitações, e apenas se imaginava algum meio de o conseguir. Entretanto collocaram-se a prumo grandes e grossas traves, tantas e tão bastas que figuravam uma grande floresta d'uma especie nova. Cordas longas e solidissimas foram prezadas áquelles mastros, e figuravam assim uma immensa rede que encobria a luz do céu. A estas cordas foi prezo o monólito que parecia uma montanha, que suspendida se foi elevando gradual e magestosamente aos ares; e depois de chegar a certa altura, e de rolar alguns instantes perpendicular sobre a sua base, caiu brandamente

no receptáculo que o esperava, havendo sido guindada pelo esforço de muitos milhares de braços.»

Longo tempo se acreditou que os hieroglíficos gravados neste obelisco continham a inscrição que um sacerdote egípcio chamado Hesmapion havia traduzido em grego. Porem o orientalista Champollion mostrou ultimamente que aquella tradição não tinha fundamento.

O 2.º obelisco romano immediato em grandeza ao de Constantino é o de Caio Cesar: este monólito foi tristemente picado e raspado, e até diminuído mas assim mesmo conserva 91 pés e 2 polegadas: não tem caracteres, nem hieroglíficos. Foi o primeiro de todos os que Xisto 5.º restaurou, e está ornando e engrandecendo a famosa praça de S. Pedro. À força de arte lhe deram a fórmula d'uma espécie de columna cannulada; está assentado sobre uma base altíssima, e tem no cimo uma simalha enorme, sobre a qual assenta a estatua do príncipe dos apóstolos.

O 3.º é o da praça Flaminia; havia sido colocado por Augusto no grande circo; tem 85 pés d'altura, e 8 pés e dez polegadas na base.

4.º é o que o mesmo Augusto havia feito erigir em fórmula de gnomon ou quadrante solar no Campo de Marte e o consagrhou a Apollo, ou o sol. Benedicto 14.º e Pio 6.º o restauraram, e o último o fez colocar no monte Cítorio; tem 5 pés e 4 polegadas de base, e 77 pés de alto: desgraçadamente estava partido em quatro pedaços, que foram habilmente unidos. É o mais gracioso de todos os obeliscos romanos; está assentado sobre uma base simples, e acaba em flecha metálica fazendo um composto muito elegante. A inscrição latina que tem gravada o atribue a Sesostris.

5.º é o obelisco Barberini, que mostra já degeneração da arte no Egypto. Foi erigido por Pio 7.º em 1822 sobre o monte Pinicio: Champollion aí descobriu os nomes do imperador Adriano, de sua esposa Sabina, e d'Antônio válido daquelle imperador. Tem a sua base n'uma fonte magnifica em fórmula de cascata.

6.º é o obelisco Pamphili, que não é de melhor gosto que o antecedente. O detestável Domiciano aí deixou as marcas de sua odiosa dominação.

7.º é o obelisco de Minerva achado debaixo das ruínas do Campo de Marte: apenas tem 18 pés de alto, e pertence igualmente a uma época de decadência. Uma bellissima fonte banha sua base, e no cimo uma estrela dourada termina mui felizmente este monumento.

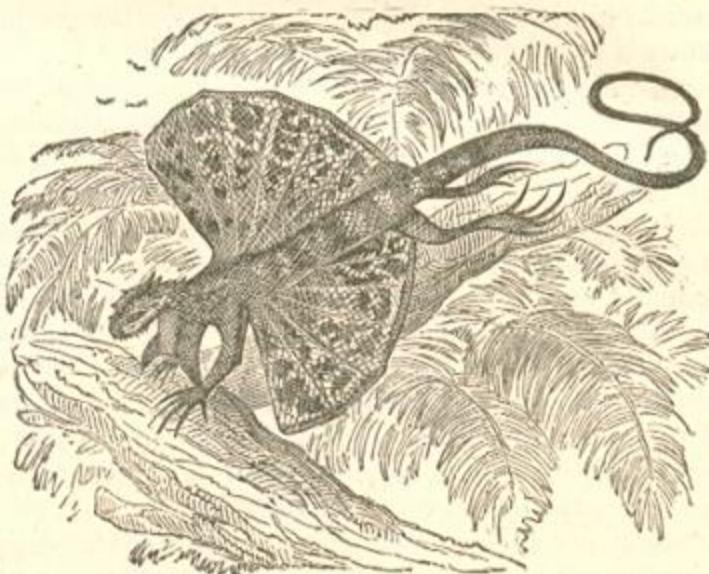
8.º é o Quirinal erigido no monte Cavallo, dito assim dos dois formosos cavalos de marmore que embellesem o soberbo grupo d'uma fonte.

Dos quatro restantes o mais notável é o que foi erecto pelo arquitecto Fontana, sob as ordens de Xisto 5.º, em 1587, e foi colocado defronte da basílica de St. Maria maior.

AS LIBELLINHAS.

Os bonitos insectos denominados libellinhas entram na ordem das mais brilhantes produções da natureza, que traz consigo o verão; peneirando-se no ar sobre as vallas e correntes, e voando rapidamente apesar a sua preza habitual as moscas, são bem conhecidos de todas as pessoas que frequentam e amam a vida campestre. Todas as espécies tem o corpo delgado, cylindrico e sobre o comprido, va-

riegado de bellas cores; as azas são transparentes, e d'um tecido como rede fina, fortalecidas por numerosas fibras, e cambiantes na cor como se a luz brincasse nelas. São ríos no voo, e possuem a faculdade de voar para traz e para diante sem lhes ser necessário virar o corpo; alguns equilibram-se mantendo as azas abertas, e promptos a partir ao menor rebate, outros estão com as azas em postura quasi vertical, mas o estado que parece ser-lhes mais conveniente e natural é o de incessante movimento: é difficilíssimo toma-los no maior calor da sesta porque então andam lestos e à espreita, e tal é a sua velocidade que falham as tentativas de os agarrar, porem de manhã cedo e pelo fim da tarde podem ser apanhados porque estão comparativamente mais inertes. — A libellinha maior é muito vulgar e também é das mais bonitas, tem olhos grandes azulados e mui brilhantes, o corpo pintado de verde e preto n'umas, e vermelho e preto n'outras, o abdomen preto com malhas verdes e azuladas, as azas grandes, diafanas, e apresentando reflexos de todas as cores do arco iris; aparecem avoejando nos prados á borda dos ribeiros, e sobre os grandes tanques das quintas, velozmente perseguindo as moscas, como fazem as andorinhas. Há uma casta menor que tem as azas vermelhas, e outra casta as tem azuladas; diversas são as espécies, e é linda aquella que tem o corpo de um bello verde doirado e furtacor com mistura de azul e preto. — Deixamos os nomes científicos para não enfastiar os leitores. — As femeas de todas estas espécies depositam os ovos n'água, e dahi sahem os insectos perfeitos depois de haverem passado pelas duas metamorphoses, que são muito demoradas.



O DRAGÃO.

O NOME dragão suscita uma idéa extraordinaria: acode logo á memoria quanto temos lido ou ouvido a respeito desse monstro famoso, ateia-se o facho da imaginação figurando as imagens sublimes que elle ministrará ao talento poético; dos animos timidos se apodera um certo horror, e a curiosidade domina o entendimento. Antigos e modernos todos fallaram no dragão: consagrado pelo culto dos primeiros povos, objecto da sua mythologia, ministro da vontade dos numes, guarda dos seus thesouros, servindo-os tanto nos amores como nos odios, submisso ao poder dos encantadores, vencido pelos semideuses da antiguidade, e até admittido nas allegorias dos livros santos, depois de cantado pelos primeiros poetas veio a ser ornamento principal de muitas fabulas pias em tempos mais recentes; ado-

ptado pela mythologia da idade media, que assentou as fadas no throno das pythonissas, feito emblema das accções assombrosas de valentes cavaleiros, vivificou a poesia moderna como dera alma á poesia antiga; proclamado pela voz severa da historia, em toda a parte descripto, e por toda a parte celebrado, temido, apresentado sob varias formas, revestido sempre de grande poder, transportando-se ao meio das nuvens tão rapido como o relampago, e descarregando como o raio, dissipando as trevas com o luzeiro de seus olhos scintillantes, reunindo a agilidade da aguia, a força do leão, o tamanho da serpente, e até ás vezes assumindo o vulto humano, dotado de mui aperfeiçoada intelligencia, e ainda hoje adorado em vastos imperios do oriente, o dragão tem sido tudo, e em toda a parte apparece, menos em a natureza: durará todavia esse ente fabuloso nas engenhosas composições da imaginação secunda. Mas, em vez desse individuo quimerico, o que achámos na realidade? Um animal pequeno e fraco, um lagarto inocente e pacífico, e de todos os quadrupedes oviparos é o que menos armas tem; o qual, por sua configuração particular, possue a faculdade de se mover agilmente e de girar de ramo em ramo nas mattas das Indias orientaes, onde habita: facilitam-lhe isto duas barbatanas como azas, similhantes ás do peixe avoador, situadas horizontalmente de um e outro lado do espinhaço. Esta circumstancia e o feitio do seu corpo dão-lhe alguma parecenza, ainda que remota, com as pinturas do monstro imaginario, de que acima fallámos, e por isso lhe poseram o nome de «dragão» os naturalistas que primeiramente o observaram.

DONA MINCIA.

Romance historico. (•)

1.^o

Dom Guthero de Monroi
Lança em punho a defender
De Santa Cruz a cidade,
Lá no Cabo d'Aguer.

Dom Luiz, e Dona Mincia,
Sistem suspiros no peito;
Morrer por a Fé é gloria,
Não suspirar é preceito.

«Filhos — Dom Guthero diz —
«Os mouros tem grão poder,
«Os christãos longe nos ficam....
«Captivos? — Antes morrer.»

E bem dizes, Dom Guthero,
Bem fallas d'exp'rimentoado,
Morte não ha tão cruel
Que o viver do captivado.

Não assim aprouve a Deus,
Captivos todos tres são,
Santa Cruz roja por terra,
Tremúla mouro pendão.

Nas ameias do castello
Nunca mais se torna a ver

(•) Na historia de Portugal de la Clede. Tom. 8.^o pag. 197 a 199 e 253 a 254 se acha o assumpto deste romance.

Luzir a lança do luso,
Branco pendão desprender.

Os sinos da cathedral
Sempre callados são,
Já rouca voz lá na torre
Mouros chama á oração.

2.^o

Mahamút, potente mouro,
Xarife de Tarudante,
Que nunca provára amores,
Louco se torna d'amante.

E quem pôde ver a Mincia
Sem d'amor louco morrer?
Tigre que fôras amáras
Se olhos houveras p'ra a ver.

Amor de mouro levou
Ao harem a portugueza,
Mais que nenhuma é senhora,
Mais que nenhuma em riqueza.

Mas riquezas não abalam
De Mincia a herdada Fé:
Já não é Xarife amante,
Cioso mouro já é.

Dona Mincia a negro carcer
De ordem do mouro é levada,
Que até no amar se mostra
Alma de mouro damnada.

Ceder d'um mouro a desejos,
De Christo a Fé renegar,
É isso muito! Oh Xarife
Não tens nada que esperar.

Raivoso o mouro se morde,
Não por Mincia o desprezar;
Porque rigores não podem
Um suspiro lhe arrancar.

3.^o

«Os cem captivos que tenho
«Sem resgate eu l'os daria
«Quando Mincia a meus amores
«Ceder quizesse algum dia.

«Todo o dinheiro que trazes
«Para um só não chegaria,
«Dona Mincia não leváras
«Por tresdobro da quantia.» (1)

Desta sorte, dando costas,
Triste um frade despedia,
Que o resgate não fazendo
Captivo ficar pedia.

Na sepultura de Mincia
Este pedido echoou,
E por salvar cem captivos
Alma e vida captivou.

(1) Diz a citada historia. — Com efeito o Xarife tinha declarado que queria por ella [referindo-se a Mincia] tanto quanto os outros cem captivos.

Nem promessas, nem rigores
Poderão Mincia mover:
Movem-lhe a alma suspiros,
Cem almas a padecer.

Lagrimas sistem os olhos,
Em jasmins se tornam rosas;
E as horas da renegada
São tristes, são amargosas.

4.^o

Vestem-se galas de corte,
Respira em tudo alegria:
Mahamú, Xarife audaz,
Mincia é tua! — quem diria?

Ella cedeu, mas tu cedes
Tambem a desejos seus,
Vestidos, usos concedes (2)
Por troca d'honra e de Deus.

Em alta meza comendo!
Costume esse é de christão!
Tanta mulher que estimavas
Onde foram, onde estão? (3)

Mas ah! que tuas delicias
Em breve se hão-de findar,
A hora de Dona Mincia
Não tarda, virá soar.

O fructo de tanto amor
Dona Mincia á luz já dera,
Filho foi de grão pecado,
— Morreu — nem viver podéra.

Os escravos, Dona Mincia,
Junto a si mandou chegar:
— «Eu morro — e antes da morte
«Quero-me a vós confessar.

» Sempre christã eu vivi
«Apezar de renegar,
«Tomo a Deus por testemunha»
— E morreu sem acabar. —

5.^o

«Amigos á sepultura
«Da minha Mincia formosa,
«Levai a flor d'alheli,
«Levai resina cheirosa.

«As iguarias levai (4)
«Que mais mimosas gostava,
«Assegurai que ninguem
«Tanto amou como eu a amava.

(2) Idem. — Não ha palavras que signifiquem a alegria do Xarife, que a constituiu logo no logar d'uma das suas mulheres, e já não attendia senão a ella permittindo-lhe que vestisse á maneira do seu paiz.

(3) Idem. — Comia em meza alta, como os christãos. Emfim, levado do briosso ciume de agradar-lhe, desprezou todas as outras mulheres.

(4) Idem. — Entendem os mouros, e tem por certo que os defunctos tornam ao mundo, algumas vezes fallam e comem. Levado o Xarife desta preocupação mandava todos os dias á sepultura de D. Mincia deliciosas iguarias.

« Dizei-lhe que nesta vida
« Alegria não terei,
« Dizei-lhe que até á morte
« Fiel sempre lhe serei. »

Cerrado em camara escura
O triste mouro chorava,
A vida já não vivia,
De saudades desinhava.

« Mahamú deixa essas lagrimas,
« Mais te cumpre guerrear:
« Não vês, marroquino mouro,
« Tuas terras devastar. »

Subito o mouro se ergue,
D'alfange na mão correu,
Foi avistar marroquinos,
Foi avistar — e venceu.

Eis triumphante em Marrocos
Mahamú valente entrou,
Entre os captivos christãos
A Dom Guthero encontrou.

« Amor — diz — que tua filha
« Aqui no peito accendeu,
« Ainda existe — não se apaga
« Porque Mincia já morreu.

« Livre és tu, livre teu filho,
« — Livres todos — vai viver
« Feliz se podes — Bem que eu
« Só me disponho a morrer. »

A. F. S. P.

É da natureza do homem estimar mais o que mais o deleita; parece porem existir uma especie de contraste entre o que o physico pede e o que o espirito deve procurar para bem se desenvolver. A experienzia tem mostrado grandes genios, os quaes pelo menos não chegariam á meta que tocaram se os grandes trabalhos lhes não tivessem ensinado a serem grandes. Os homens que não conhecem senão a prosperidade e os prazeres raras vezes são capazes de idéas sublimes ou de pensamentos elevados. Da contradicção nasce uma força repulsiva que dá energia á alma; esta tem forças de reserva para a desgraça, pois o céu ao dispensar os seus dons preservou forças para os que combatem. A adversidade faz que a alma reconcentre as suas facultades, reuna suas potencias e dilate cada vez mais a esfera da sua actividade.

Os engenhos que tem até hoje adquirido maior nome no mundo intellectual navegaram atravez de contratempos.

Não se deve jámais pôr em balanças o favor dos grandes; devemos abraçá-lo com todas as forças quando elle é verdadeiro; afastá-lo o mais possivel quando elle é falso.

Nada persuade tanto as pessoas destituidas de senso commun, como os argumeutos que não comprehendem.

Tão necessario e importante é escolher as palavras e as frases nos negocios graves, como inutil e desnecessario nos pequenos.